



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA

TÍTULO | O lobo na “boca dos media”: Análise da imprensa escrita em Portugal, 1900-2010

Ana Catarina da Costa Pinto da Silva

Orientação | Professor Doutor Francisco Petrucci-Fonseca

Mestrado em Biologia da Conservação

Dissertação

Évora, ano 2018



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA

*O lobo na “boca dos media”: Análise da imprensa escrita em
Portugal, 1900-2010*

Ana Catarina Costa da Costa Pinto da Silva
Orientação: Dr. Francisco Petrucci-Fonseca

Mestrado em Biologia da Conservação
Dissertação
Évora, 2018

Agradecimentos

O desenvolvimento e a conclusão deste trabalho não teriam sido possíveis sem o apoio de várias pessoas durante as diversas fases que consistiram a tese, às quais quero expressar o meu muito obrigado.

Ao Prof. Doutor Francisco Petrucci-Fonseca por ter aceitado a orientação desta tese e por todas as experiências e oportunidades que me concedeu, que foram sem dúvida, cruciais para a minha formação como Biólogo da Conservação. E não podia também deixar de agradecer todas as aulas de condução.

Ao Prof. Doutor João Rabaça, pela conversa à porta do Colégio Verney no intervalo de uma aula, que com todo o seu entusiasmo e confiança de que seria possível realizar este trabalho, é sem dúvida uma das razões pelas quais o consegui realizar.

À Pandora Pinto, Filipa Soares e Patrícia Passinha pela ajuda e paciência para efetuar uma revisão do manuscrito da tese, e pela amizade desenvolvida.

À Isabel Ambrósio, por toda a companhia nas inúmeras horas de digitalização.

Ao grupo de Vila Real/Bragança, por todos os momentos de aprendizagem e companheirismo.

Ao João, pela tua compreensão e capacidade de suportar as minhas preocupações e receios.

Ao Mano Tiago, que sempre foi um ídolo e uma inspiração, e pela ajuda na correção deste trabalho.

Aos meus pais, por todo o apoio incondicional ao longo deste trabalho, e para muito além dele. Por sempre acreditarem em mim, mesmo quando eu não acreditava, por sempre demonstrarem orgulho em mim. Por me incentivarem a seguir os meus sonhos e a me

ajudarem a concretizá-los. Obrigada por estarem sempre ao meu lado e se transformarem na luz ao fundo do túnel quando preciso.

Ao Avô António e à Kali

Índice

Lista de Figuras	7
Lista de Tabelas	7
Resumo	8
Abstract	9
Introdução	10
Metodologia.....	16
Resultados	20
Discussão	23
Nuvem de Palavras	44
Considerações finais	45
Limitações do estudo.....	46
Referências	48

Lista de Figuras

Figura 1- Evolução da presença do lobo em Portugal Continental.....	11
Figura 2 – Número de codificações negativas, positivas, neutras e informativas nos recortes de notícias em Portugal de 1900 a 2010.....	20
Figura 3- Título de uma coluna de notícias do Jornal “O Século” de 1937.....	38
Figura 4- Nuvem de palavras obtida através do programa MAXQDA.....	44

Lista de Tabelas

Tabela 1- Sistema de codificação para a análise das notícias sobre o lobo em Portugal.....	17
Tabela 2- Exemplos de títulos de jornais analisados.....	20

O lobo na “boca dos media”: Análise da imprensa escrita em Portugal, 1900-2010

Resumo

Melhorar os conflitos entre Humanos-carnívoros requer um entendimento dos discursos e opinião do público.

Porque o retrato dos carnívoros pelos media afeta as perceções e apoio do público, estudar a cobertura dos jornais sobre lobos é chave para garantir a sua conservação.

Uma análise temática de 2725 notícias sobre o lobo-ibérico de 1900 a 1990 e de 2000 e 2010, a um nível regional e nacional, foi realizada com o objetivo de comparar as diferentes coberturas e retrato do lobo. A ideia de que o lobo tem um impacto negativo nas atividades humanas (n=2555) e de que deveria ser morto (n=1496) foram as ideias mais comuns nos jornais analisados.

Ideias positivas sobre o lobo (n=33) e conteúdo mais informativo (n=44) sobre ações de conservação, começaram a aparecer em jornais nacionais no final do século XX e início do século XXI, enquanto que os jornais regionais continuaram a focar o lado negativo.

Envolver de forma ativa e propositada com os media é necessário para produzir uma melhor prática de conservação.

Palavras-chaves

Lobo-Ibérico; Portugal; Jornais; Análise qualitativa

The wolf according to the media: Analysis of printed media in Portugal, 1900-2010

Abstract

Improving human–carnivore conflict requires an understanding of public discourse and opinion. Because portrayal of carnivores in the media affects public perceptions and support, investigating media’s coverage of wolves and their conservation is key.

A theme analysis of 2725 articles on Iberian Wolf published from 1900 to 1990 and from 2000 to 2010 in newspapers, at national and regional level, was done aiming to compare the differences of coverage and portrayals of wolves.

The idea that wolves negatively impact human activities (n=2555) and that should be killed (n=1496) were the most common ideas on the articles studied.

Positive ideas on wolves (n=33) and more informative contents (n=44) about conservation, started to appear on national newspapers in late XX and early XXI centuries, while local newspapers continued to stress the negative image of wolves.

Active engagement with media is needed to produce a better wolf conservation practice.

Key words

Iberian Wolf; Portugal; Newspapers; Qualitative analysis

Introdução

Os grandes carnívoros, são um dos grupos taxonómicos mais controversos e difíceis de conservar (Mech, 1995). Há, por parte do Homem, uma hostilidade muito forte para com essas espécies (Chapron et al., 2014), devido ao facto de crer que estes animais são uma ameaça à sua economia e segurança (Jacobson, 2012).

Os conflitos, resultantes pela competição de espaço e recursos entre o Homem e os grandes predadores, são um problema mundial registado em várias espécies, como o urso (*Ursus spp.*), na América do Norte e Europa; o puma (*Puma concolor*) e jaguares (*Panthera onca*) na América do Sul; o tigre (*P. tigris*) e o leopardo (*P. pardus*) na Ásia (Jackson & Nowell 1996; Kaczensky, 1999; Karanth & Madhusudan 2002).

O lobo (*Canis lupus*, Linnaeus, 1758) é uma destas espécies, que desde os primórdios convive com o Homem por todo o hemisfério Norte. Considerado um dos predadores mais carismáticos (Boitani, 1995; Mech & Boitani, 2003), poucas são as espécies que apresentam uma relação tão próxima com o Homem no que toca a história e cultura (Lopez, 1978).

O que outrora foi uma relação de respeito e certa veneração, tornou-se em medo e ódio. Tal alteração foi devida à transição do modo de vida da humanidade de caçadores para agricultores (Boitani, 1995). É a partir dessa altura que a humanidade vê no lobo uma ameaça direta para a sua vida e atividades (Lopez, 1978).

O Homem distancia-se da relação que mantinha com o lobo, e a imagem deste torna-se cada vez mais negativa (Lopez, 1978; Boitani, 1995).

Os ataques aos animais domésticos valeram ao lobo o título de inimigo a abater, levando a que fosse combatido com todos os meios ao alcance do homem- armadilhas, fojos, caça, laços e veneno.

O lobo torna-se um símbolo maléfico por excelência nos mitos, personificando o mal, sendo, o uivo do lobo uma imagem literária utilizada para concretizar o medo de uma ameaça oculta.

No decorrer dos tempos a literatura e o folclore foram um meio de perpetuar mitos e conceitos e ideias erradas sobre o lobo. Histórias tal como o “lobo mau” do “Capuchinho Vermelho”, o “lobo mau” dos “Três Porquinhos”, ainda presentes no nosso imaginário infantil, representando o distanciamento da realidade biológica do animal e a criação de um “vilão” (Lopez, 1978; Boitani 1995).

Este antagonismo para com o lobo é uma história sem paralelo na Humanidade, conduzindo ao desaparecimento desta espécie em grande parte da sua área original. Antigamente distribuídos por todo o continente Europeu, foram sendo exterminados inicialmente na maior parte do norte e centro da Europa. Até meados do século passado, os lobos ainda sobreviviam no noroeste da Península Ibérica, no centro-sul da Itália, nos Balcãs e no norte da Grécia (Blanco et al. 1992; Boitani, 2000). A década de 1960 representou o número mais baixo das populações de lobos. (Boitani & Zimen, 1979). Causas diretas (perseguição do Homem), assim como causas indiretas (fragmentação e destruição do habitat; redução das presas naturais) foram os motivos principais que levaram ao declínio das populações do lobo pela Europa (Boitani and Ciucci, 2009). O lobo está classificado com o estatuto de conservação de “Pouco Preocupante” à escala mundial desde 2004, segundo a União Internacional para a Conservação da Natureza. Todavia, a população lupina da Península Ibérica, que constitui um dos últimos redutos deste mamífero na Europa Ocidental, é considerada “Near threatened” [IUCN. 2017. IUCN Red list of threatened species. Disponível online em: www.iucnredlist.org.]. O lobo ibérico (*Canis lupus signatus*, Cabrera, 1907), é uma subespécie do lobo cinzento e é endémico da Península Ibérica. Em Portugal, outrora presente em todo o território nacional, o lobo desapareceu progressivamente, ao longo do século XX, do litoral e Sul do país, encontrando-se atualmente circunscrito a algumas áreas do Norte e Centro, representando a sua área de distribuição atual apenas cerca de 20% do original (Petrucci-Fonseca, 1990).

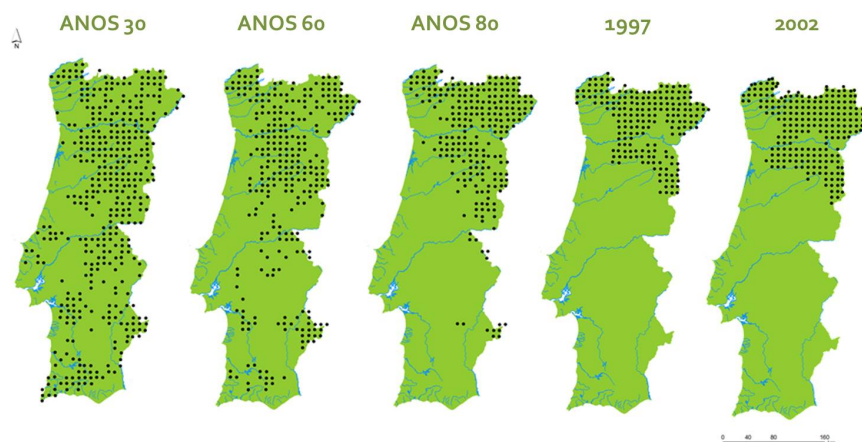


Figura 1. Evolução da presença do lobo em Portugal Continental.

Em Portugal o estatuto de conservação do Lobo é de “EM PERIGO” (Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal), sendo protegido por legislação nacional específica (Lei n.º 90/88, de 13 de agosto e Decreto-Lei n.º 139/90, de 27 de abril), que lhe confere o Estatuto de Espécie Protegida.

O lobo encontra-se, além disso, incluído em várias convenções e diretivas no âmbito Europeu no qual o Estado Português ratificou. No entanto, ainda existe, uma forte componente cultural associada ao lobo, sendo este ainda irracionalmente temido (Espírito-Santo, 2007).

Segundo Álvares (2011), “A perceção do lobo nas comunidades rurais da Península Ibérica vai para além das suas características biológicas e comportamentais, dando origem a uma imagem complexa e simbólica, expressa num número considerável de práticas e crenças rurais que no presente ainda persistem”.

Esta imagem construída é uma mistura de vivências locais e interações com mitos e crenças antigas (Lopes- Fernandes, 2016). Tais vivências, da relação Homem/lobo, marcada pela perseguição, ainda hoje podem ser observadas nas estruturas de pedra, designadas por “fojos”, testemunhos únicos e importantes que simbolizam a ira dos locais contra o predador (Espírito-Santo, 2007).

Não obstante as atitudes prevalecentes em Portugal para com o lobo, este ainda sobrevive em certas regiões do país, embora, como sempre aconteceu, os conflitos com proprietários de gado continuem a surgir (Espírito-Santo, 2007).

Devido ao facto de ao longo da história os humanos verem o lobo como adversários e como ameaça à sua segurança pessoal (Espírito-Santo, 2007), é imprescindível compreender as razões e consequências do conflito Homem-Lobo, para que se possa proceder à desmitificação deste animal.

O lobo estará sempre em proximidade com as atividades humanas e em conflito com as mesmas, por isso a sua salvaguarda não passa só por ações biológicas, mas sim por questões sociológicas (Petrucci-Fonseca, 1990).

Para que a conservação do lobo tenha sucesso a longo prazo, é necessário saber ouvir e incorporar diferentes grupos de interesse no processo de decisão, atingindo um consenso e aceitação do público na decisão final (Espírito-Santo & Petrucci-Fonseca, 2003).

A opinião do público é determinante à conservação de uma espécie. Tomando como exemplo os esforços de reintroduzir os lobos no Parque Nacional de Yellowstone, os quais incluíram a componente humana, que foi de extrema importância para entender o apoio que existia para a restauração dos lobos ao parque (Bath and Buchanan 1989; Bath 1989; Bath 1991).

Classificar a percepção do público acerca do lobo é problemática na melhor das hipóteses (Kellert, 1985), pois este animal normalmente suscita emoções conflituosas entre o público (Bath & Majić 2001).

Para ter uma noção das diferentes posições relativamente ao lobo, é necessário a compreensão dos discursos científicos, sociais e éticos e compreender as tendências das atitudes para com o lobo ao longo do tempo de forma a obter uma visão que possibilite um entendimento da relação lobo/Homem e assim atingir um equilíbrio na conservação desta espécie (Boitani, 2000; Bath and Majic, 2001; Álvares, 2011).

Segundo Bath (1998), a conservação de grandes carnívoros tem tendência a ser mais baseada em questões sociopolíticas do que biológicas, e o mesmo se verifica com o lobo em Portugal (Espírito-Santo & Petrucci-Fonseca, 2003).

Sendo que os jornais são uma fonte de informação de fácil acesso ao público geral (Mech & Boitani, 2003), a importância do seu papel no debate público é algo que vale a pena analisar (Dajani, 2013).

Os media têm um papel que permitem influenciar a opinião pública (Miller 1997; Begnston et al., 2005), decidindo que tópico apresentar e durante quanto tempo esse tópico permanece relevante (White 1950; Reese & Ballinger 2001), transmitindo assim uma mensagem subentendida da relevância e importância que deve ser alocada a esse tópico (McCombs & Shaw, 1972).

Ao relatar um acontecimento, os media destilam essa informação naquilo em que reconhecem como mais relevante. Assim, os elementos proeminentes na agenda dos media, tornam-se proeminentes na mente do público (McCombs, 2002).

Os media, não são apenas uma fonte de informação, mas também possuem o poder de afetar a interpretação desta (Jacobson, 2012) e textos de formato parcial podem ser responsáveis pela perpetuação de representações sociais pejorativas (Müller, 2015).

Durante muito tempo os jornais impressos foram desprezados enquanto fonte de pesquisa, porém a historiografia moderna reverteu esta situação, reconhecendo nos textos jornalísticos uma potencial fonte de investigação (Müller, 2015).

A análise do conteúdo de notícias tem vindo a ser demonstrado produzir resultados paralelos aos resultados de inquéritos e sondagens (Kepplinger & Roth, 1979; Fan, 1997; Bengston 1999) e vários estudos encontraram evidências da influência dos media em moldar e refletir a opinião do público (Kepplinger & Roth, 1979; Salwen, 1988; McCombs, 2004). Já foram realizados vários estudos enquadrados na conservação de espécies nos quais a informação contida nos media foi utilizada como fonte de dados (Gore et al., 2005; Gore & Knuth, 2009; Houston, 2009; Jacobson et al., 2012; Shelley & Quinn, 2012; Bathia et al., 2013; Muter et al., 2013;).

Visto que os media ajudam a criar parâmetros para o discurso público (McCombs & Shaw 1972), a análise de jornais é uma forma de avaliar indiretamente os valores e atitudes do público, permitindo entender o discurso acerca dos lobos em Portugal, e assim melhor entender os aspetos culturais, económicos e emocionais sobre este predador (Kellert et al. 1996) e monitorizar a sua evolução ao longo do tempo.

Perceber as tendências nas atitudes da sociedade para com o lobo ao longo do tempo, pode permitir observar as alterações ao longo dos anos de forma a conhecer o passado e compreender o presente, elucidando assim aqueles que têm como objetivo preparar o futuro e recuperar e gerir as populações lupinas.

O lobo é uma das espécies que mais perseguição sofreu por parte do Homem e esta perseguição tem uma história. A informação presente nos jornais é uma pequena parte que ajudou a escrever esta história, merecendo ser estudada e entendida para que o futuro desta espécie única à Península Ibérica seja garantido.

Objectivos

Procuramos descrever a natureza do conteúdo e contexto da cobertura de assuntos relacionados com lobos pela comunicação social nacional e regional de Portugal. Mais especificamente, tivemos como objetivo identificar os tópicos principais, e o enquadramento (como a informação sobre os lobos é apresentada) da cobertura noticiosa em Portugal e em explorar como os jornalistas caracterizam os lobos, quais as práticas e

conhecimento ecológico, assim como são descritas as crenças, imagens e histórias populares relacionadas com o lobo.

Procuramos também identificar tendências na cobertura durante o período de tempo em questão. Coletivamente, esta informação pode ajudar biólogos da conservação a perceber como a comunicação social tem retratado os lobos durante 90 anos, incluindo um olhar sobre os anos de 2000 e 2010, ajudando a melhorar os esforços de conservação e sua promoção. Como os lobos são uma espécie protegida em Portugal e estão envolvidos em conflitos, faz sentido estudar a sua cobertura pela comunicação social.

Metodologia

Para este trabalho a fonte de material literário utilizado, foram excertos de jornais, pertencentes á coleção do Grupo Lobo, construída no âmbito da tese de Doutoramento do Professor Petrucci-Fonseca.

Os recortes de jornais desde 1923 foram obtidos na Hemeroteca Municipal de Lisboa, na Biblioteca Nacional e na Biblioteca dos serviços Florestais enquanto que desde julho de 1985, através de um contracto com uma agência especializada, foram obtidos mais recortes de notícias.

Devido ao elevado número de notícias presentes na coleção e devido apresentarem conteúdo bastante diversificado, foi efetuada uma análise inicial de todas as notícias da coleção de maneira a selecionar as notícias que apresentassem informação relevante acerca do lobo, rejeitando aquelas com informação imprecisa.

Desta análise resultou uma coleção de 2725 recortes de notícias, provenientes de 90 jornais portugueses, publicados entre 1900 a 1990 contando também com publicações dos anos de 2000 e 2010.

Todas as referências obtidas foram analisadas e colhidos todos os elementos que pudessem ser de interesse para tratamento posterior. Assim, sempre que possível, registámos a origem da informação (jornal nacional ou regional), a data, o local (distrito), e as temáticas da notícia (prejuízos; caça; ataques, sentimentos, etc.)

Cada vez mais, especialistas em conservação da natureza, defendem o uso de dados qualitativos na monitorização de populações de fauna selvagem, para o entendimento de atitudes, perceções e crenças no que diz respeito à sua conservação (Drury et al., 2011).

Análise temática é um método de análise qualitativa que permite examinar conteúdo presente nos media, tais como jornais, revistas ou até conteúdo televisivo, identificando e revelando padrões presentes nos dados (Braun & Clarke, 2006).

Este método de análise permite estudar dados qualitativos de uma forma muito acessível e flexível (Braun & Clarke, 2006), obtendo um relato detalhado e complexo dos dados.

Seguindo o trabalho de Braun & Clarke (2006), as notícias foram sendo codificadas em categorias e subcategorias distintas por via de múltiplos parâmetros, cujos temas foram identificados após leitura, seguido pelo registo de palavras chaves, frases, conceitos, eventos ou descrições importantes nas categorias associadas ao tema da notícia, à medida

que estas emergiam, para avaliar e caracterizar o tom e motivo da notícia. Isto permite incluir todas as ideias importantes e conceitos que aparecem no texto sobre o lobo. Este método facilitou a remoção/adição/junção de códigos.

A construção dos códigos foi baseada na revisão bibliográfica (Kellert, 1985; Houston, 2009; Lopes-Fernandes et al., 2016) e depois adaptada em específico para este estudo.

Esta abordagem qualitativa permite uma análise detalhada de temáticas chaves presentes nos textos e é feita em várias fases (Braun & Clarke, 2006):

1º Fase: Familiarização do conteúdo presente nos dados

2º Fase: Elaboração de uma lista com ideias iniciais para a criação de um código inicial

3º Fase: Nova análise dos códigos num espectro mais abrangente, isto é, agrupar os códigos em temas potenciais.

4º Fase: Refinar os temas escolhidos no passo anterior

5º Fase: Designação final dos temas

6º Fase: Produção do relatório escrito.

Tabela 1. Sistema de codificação para a análise das notícias sobre o lobo em Portugal.

Categorias	Subcategorias	Descrição das categorias e respetivas subcategorias
Conhecimento	Popular	Referência ao saber popular acerca da biologia e comportamento do lobo.
Informativo	-	Notícias que davam a conhecer o lobo e ações de conservação.
Neutra	-	Notícias que não apresentam opinião acerca do lobo.

<p>Imagem Positiva</p>	<p>Lobos têm impacto positivo</p> <p>Descrição</p> <p>Lobos devem ser protegidos</p>	<p>Referência ao valor económico do lobo no turismo, valor para os humanos como parte do património natural (Houston, 2009).</p> <p>Utilização de palavras que caracterizem o lobo de forma positiva.</p> <p>Referência da importância em conservar a população de lobos, e que estes estão ameaçados (Houston, 2009).</p>
<p>Imagem Negativa</p>	<p>Lobos têm impacto negativo</p> <p>Descrição Negativa</p> <p>Mito</p> <p>Domínio</p> <p>Ataques a pessoas</p>	<p>Referências a ataques a animais domésticos, ou o perigo que o lobo apresenta para as pessoas (Houston, 2009).</p> <p>Utilização de palavras que apresentem o lobo de forma pejorativa.</p> <p>Referências de crenças populares relativamente ao lobo, e referências a este num contexto de lenda, conto ou provérbio (Lopes-Fernandes et al., 2016).</p> <p>Referências à satisfação obtida pelo controlo do animal (Kellert, 1985).</p> <p>Referência de um ataque de um lobo a uma pessoa (Lopes-</p>

		Fernandes et al., 2016), e/ou consumo de cadáveres.
	Lobos devem ser exterminados	Referência á necessidade em erradicar os lobos.
	Lobos devem ser controlados	Referência á necessidade de os lobos serem geridos, ou caçados (Houston, 2009); Referência à caça de lobos e /ou aos métodos de caça utilizados (Lopes-Fernandes et al., 2016).
	Medo	Referência ao sentimento de receio ao lobo (Lopes-Fernandes et al.,2016).
Jornais	Nacionais	Jornais de tiragem nacional
	Regionais	Jornais de tiragem regional
Localidade	Distritos	_____

Após esta recolha, as notícias foram inseridas no programa de análise qualitativa MAXQDA12 para criar um sistema de codificação.

O programa referido na alínea anterior facilita e suporta métodos qualitativos, permitindo a importação, organização, análise e visualização de vários formatos de dados, como entrevistas, questionários, documentos PDF, tabelas (EXCEL/SPSS), dados bibliográficos, fotografias, vídeos, páginas WEB (MAXQDA: Qualitative Data Analysis Software, acedido a agosto 18, 2017, através de <http://www.maxqda.com/>)

Após a análise e utilizando “World Cloud” uma ferramenta presente no programa MAXQDA12 foi feita uma análise às palavras mais vezes utilizadas pela imprensa, sendo criada no final uma nuvem de palavras de modo a visualizar quais as palavras mais frequentemente utilizadas na totalidade das notícias.

Resultados

O número de registos que integraram este estudo foi de 2725 notícias, provenientes de 90 jornais distintos. No total foram obtidos 33 jornais com circulação nacional, dos quais 22 generalistas e 11 especialistas, e 68 jornais de circulação regional.

Ao longo do estudo observou-se maior predominância de jornais nacionais (n=2454) do que jornais regionais (n=271).

Tabela 2. Exemplos de títulos de jornais analisados.

Distribuição Nacional	Distribuição Regional
O Século	O Falcão do Minho
O 1º de Janeiro	Mensageiro de Bragança
Jornal de Notícias	Democracia do Sul
Jornal de Caça e Pesca	Gazeta de Coimbra

Os jornais portugueses publicaram uma variedade de temas relativamente ao lobo desde 1900 a 1990, 2000 e 2010, o que reflecte interesse no tópico.

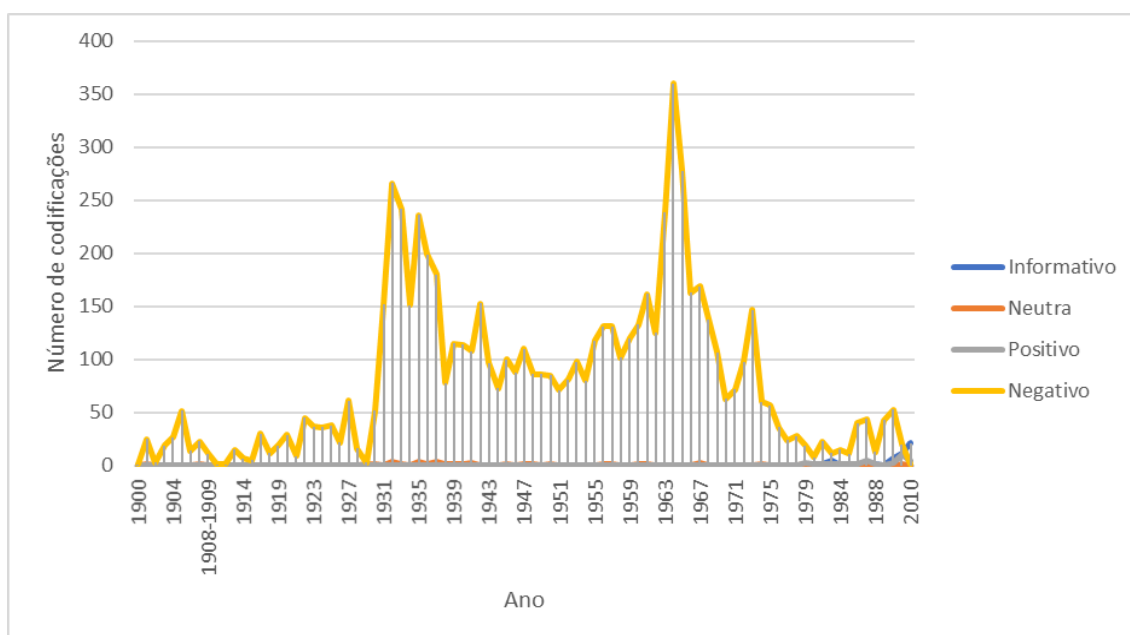


Figura 2- Número de codificações negativas, positivas, neutras e informativas nos recortes de notícias em Portugal de 1900 a 2010.

Ao longo do período abrangido pela amostra, os resultados obtidos indicam que os números de notícias não foram constantes. Todos os anos do período em questão tiveram pelo menos uma ou mais notícias referentes ao lobo, com exceção do ano de 1918. Na década de 30 e 60 do século XX registou-se a ocorrência de “picos” de informação, voltando a diminuir no final deste século e no princípio do século XXI (ver anexo na página 53).

Na totalidade as notícias negativas foram sempre em maior número do que as positivas. Nas primeiras 5 décadas as notícias mostram que esta espécie está geograficamente espalhada por Portugal Continental, mas que com o passar do tempo, começa a diminuir. De uma forma geral o distrito com maior número de notícias foi o da Guarda (n=581), estando no extremo oposto o de Setúbal (n=4).

Foi evidente que grande parte da discussão sobre lobos nos jornais, estava relacionada com a ideia de os lobos terem impacto negativo nos humanos, nas suas atividades (n=2555), e no ecossistema, no que toca às espécies cinegéticas (n=15) e consequentemente, que esta espécie deveria ser caçada (n=1496) de maneira a tornar esses impactos mais reduzidos. Outras notícias iam mais longe (n=71) sugerindo a necessidade em os exterminar.

Na Tabela 1 apresentada na metodologia, foi feita a referência a vários métodos de caça ao lobo. Os conflitos entre Homem-lobo eram retratados nos excertos fazendo alusão à perseguição levada a cabo pelo Homem ao animal, que maioritariamente era um movimento organizado envolvendo os locais e ou associações governamentais, tal como a batida (n=1224). Há também evidências de lobos baleados (n=105), espancados (n=73) envenenados (n=57) e atropelados (n=24). Em menor número, mas as notícias também fizeram referência ao uso de laço (n=11) e do “fojo” (n=2).

Das notícias listadas, 213 fazem menção ao poder que o Homem tem sobre o animal, e 102 à euforia sentida pela comunidade pela morte de um lobo. Algumas destas descrições incluíam generosidades, onde as pessoas foram recompensadas por matar um lobo (n=39).

Foi constatado uma predominância de adjetivos negativos usados para uma descrição depreciativa do carácter do animal, (n=1800), sendo a palavra fera (n=1546), perigoso (n=59), prejudicial (n=56) e temível (n=55) as mais utilizadas.

A emoção mais relatada nas notícias foi o medo. Em (n=545) das notícias faziam alusões a este estado de espírito (manifestado em sentimentos de mal-estar associado ao habitat do lobo, medo pela segurança das crianças, gado e público geral) decorrentes da presença de lobos ou de um potencial incidente com estes.

Dos artigos de jornais listados, n=165 descreveram interações Humano-lobo, que foram classificadas como ataques a pessoas.

Alguns excertos de notícias (n=777), revelaram um certo conhecimento acerca da ecologia e comportamento do lobo. Em 44 notícias fazem menção a mitos no qual o lobo é parte integrante.

Foram também registadas 46 notícias consideradas neutras, em que a referencia ao lobo era apenas de informação sobre assuntos ligados a este animal, como por exemplo, o adiamento de uma batida.

Relativamente a notícias que possuíam um cariz informativo foram obtidos 44 excertos de notícias, sendo que (n=36) pertencem a jornais nacionais e (n=8) pertencem a jornais regionais.

O uso de expressões com conotações favoráveis e a opinião de que os lobos devem ser protegidos foram os tópicos positivos mais frequentes com (n=16) e (n=14) respetivamente. Em menor quantidade, notícias fizeram alusão à crença de que os lobos impactam positivamente os ecossistemas e os seres humanos resultaram em (n=3).

Discussão

Os media são uma importante fonte de informação acerca da fauna selvagem. A análise da representação por parte dos media dos predadores pode ser útil na elaboração de potenciais estratégias para uma coexistência entre Homens e os grandes carnívoros.

O lobo é um animal que sempre despertou interesse, sendo, muitas vezes, capa de jornal ou cabeçalho de notícias, cujos conteúdos frequentemente tinham implicações negativas para a imagem deste predador (Bangs and Fritts 1996; Fritts et al. 2003).

O volume de notícias não foi constante ao longo do período em estudo, sendo o número de informações recolhidas no princípio do século (1900 a 1929) muito reduzido, existindo mesmo falta de informação no ano de 1918. Por outro lado, a análise da variação do número de notícias publicadas mostra a existência de “picos” de informação nas décadas de 30 e 60 do século XX, voltando a diminuir no final deste século e no princípio do século XXI.

O reduzido número de notícias no início do século XX deveu-se ao facto de muitas publicações não estarem disponíveis para consulta, devido ao mau estado de conservação das mesmas.

É também de ter em atenção que no ano de 1918 deflagra a febre espanhola e termina a I Guerra Mundial. Estes factos, podem ter colocado o lobo em segundo plano nos assuntos de interesse para os jornalistas.

As variações observadas também podem ser explicadas por diferentes acontecimentos quer à escala mundial e à escala nacional, que terão alterado o foco de atenção tanto dos jornalistas como do público para outros assuntos entendidos como mais importantes.

O “pico” registado na década de 1930 será resultado da ocorrência do aumento do número de lobos nas regiões fronteiriças de Portugal e Espanha como consequência da Guerra Civil Espanhola de 1936 a 1939. Durante este conflito verificou-se a expansão de lobos em Espanha e consequentemente a sua expansão para Portugal, originando o aumento do número de notícias:

“Atribuiu-se a abundância dos lobos á guerra civil em Espanha, que os afugenta, pois não há memória de aparecerem tantas feras.”.

É importante ter em consideração que durante períodos de guerra e conflitos, a caça ao lobo, é menor pois os homens adultos vão combater e as armas de fogo não estão tão disponíveis (Linnell et al., 2002).

Kellert et al., (1982), afirma que em tempos de guerra a visão oportunista dos animais aumenta e após o final dos conflitos, a população é de novo encorajada a matar lobos (Espírito-Santo, 2007), o que poderia explicar o facto de notícias sobre o predador voltarem a ser julgadas importantes e a sua cobertura jornalística maior.

A diminuição na década de 40 que pode ser explicada pelo desinteresse da temática do lobo por parte dos jornalistas face ao desenrolar da II Grande Guerra Mundial.

É durante década de 60 do século passado, que deflagra a Guerra Colonial Portuguesa e verifica-se um aumento sem precedentes dos números da emigração.

“Em virtude do abandono dos campos, devido à emigração para França, os mesmo que circundam esta freguesia cobriram-se de mato. Nele abundam lobos que já vitimaram algumas dezenas de ovelhas nos poucos rebanhos que ainda existem. É vulgar, mesmo durante o dia, ver-se, não longe do povoado, alguns desses animais.”

Manfredo et al., (2003) sugere que a sociedade tende a focar as suas preocupações em bens materiais quando se sente ameaçada, a nível social e económico, o que pode explicar a razão de no referido período termos uma quantidade de notícias tão avultada.

Também em tempos conturbados, os media podem tentar dar mais ênfase a certos tópicos, com o objetivo de desviar atenções de outros temas.

Nos países ocidentais, o movimento ambientalista moderno, que criou sensibilização para assuntos de conservação, nasceu na década de 60 do século passado na Europa (Ericsson, 2003), e o mesmo se começou a verificar em Portugal (Pinto & Partidário, 2011).

No âmbito da União Europeia, Portugal comprometeu-se a assinar certas convenções o mesmo acontecendo a nível internacional, fora da União Europeia obrigando Portugal a cumprir com certos padrões internacionais.

A 13 de Agosto de 1988 era promulgada a Lei n.º 90/88. Pela primeira vez, um animal foi objeto de legislação específica, sendo reconhecida a sua importância para o ecossistema e a gravidade das ameaças que sobre ele pesavam.

Todos os acontecimentos referidos anteriormente, poderão ter desencadeado indirectamente, uma alteração nas noções e mentalidades das populações acerca do lobo.

Distribuição das notícias

Neste estudo os distritos com maior abundância de notícias negativas foram aqueles situados nas regiões fronteiriças do interior norte e centro, ou seja, Vila Real, Bragança, Viseu, Guarda.

O motivo pela qual serem aquelas as zonas do país a aparecerem nos resultado é explicado pelo facto de serem as que sempre tiveram populações de lobo presentes, portanto mais prejuízo no gado e possivelmente mais interação Homem/lobo, o que levaria a um maior relato dos acontecimentos por parte dos média.

Prejuízos

A predação do lobo no gado continua a ser uma das maiores causas de conflito entre Homem e este carnívoro e neste estudo é aparente que grande parte da discussão, nas notícias analisadas, se centra no impacto que o lobo tem nos humanos e nas suas atividades.

A pecuária é uma área importante da economia portuguesa. Tendo em conta que em Portugal a criação de gado é um grande contributo para as receitas financeiras da comunidade, e que este é um estilo de vida duro e com baixo rendimento, qualquer perda é sentida de forma mais acentuada.

O número de animais que são mortos durante um ataque está relacionado com o tamanho e abundância da presa (Mech & Boitani, 2003), aliado ao facto de que com o passar dos anos, as espécies usadas para o gado, foram perdendo o seu instinto anti predatório, o que as tornou mais vulneráveis (Brochura MEDWolf, 2016).

Um outro problema que dificulta a relação Homem/lobo são os cães de pastores e/ou caçadores, que ficaram perdidos na serra e/ou que foram abandonados e que, depois, numa tentativa de sobrevivência, se organizavam em matilhas.

Estas matilhas, competiam com os lobos pelos mesmos recursos, chegando a alimentar-se das mesmas presas, silvestres ou domésticas.

Como por vezes os métodos de caça destes cães podem ser idênticos aos do lobo, este último acabava sempre por ficar com o papel de culpado.

O autor Aquilino Ribeiro, que pode ser considerado como um dos primeiros defensores do lobo em Portugal, mostrando sempre admiração e respeito pelo animal (Queiroz, 2010), fazia nas suas obras repetidas referências ao lobo. Na obra de “O Homem da Nave” (1968):

"O lobo é sempre o responsável pelo que faz e pelo que não faz".

Os excertos de jornais analisados, demonstraram uma tendência para relatar ataques com um número de animais feridos e/ou mortos muito elevado, com descrições por vezes inflamatórias, transmitindo a impressão de que o lobo mata por desporto e prazer:

- “Uma alcateia de lobos esfaimados matou cerca de 30 ovelhas, deixou inutilizadas 25 e fez desaparecer outras tantas de um rebanho”;
- “Numa destas últimas noites foram-se a um rebanho, matando e ferindo 76 ovinos, que pastavam a cerca de 10 quilómetros daquela localidade”;
- “Raro o dia que não temos de registar verdadeiras carnificinas”;
- “Destruí um rebanho de 140 ovelhas e cordeiros”.

Raramente este comportamento é descrito em termos ecológicos de predação. Descrições mais chocantes de ataques ajudam a alimentar as emoções e noções negativas em torno do animal, nascendo um círculo vicioso de conflitos e preconceitos.

Caça

Outra grande discussão presente nas notícias dos jornais analisados neste estudo, está relacionada com a ideia de que os lobos deveriam ser controlados para reduzir os seus "efeitos negativos" nas atividades dos seres humanos. A ideia de que a população lupina devia ser controlada, de forma a acabar com os prejuízos e trazer paz às populações, passava pela organização de caçadas e uma das maiores plataformas de incentivo à caça e auxílio da realização da mesma eram os jornais.

Estas discussões centradas nos prejuízos ao gado e espécies cinegéticas e que são perigosos, representando uma ameaça aos seres humanos, e como tal deviam ser caçados com todos os meios disponíveis:

- “Para destruí-lo todos os meios são aceitáveis pois este animal só representa com a sua presença a desolação e a morte”
- “A organização de batidas seria a melhor forma de pôr termo a este estado de coisas”
- “Urge que se façam batidas neste concelho a fim de acabar com este estado de coisas e também para que o sossego reine entre as populações”
- “Seria conveniente que as autoridades organizassem uma montaria geral”

A caça ao lobo tomava várias formas; Batidas, Montarias, Caça de Espera. Estas podiam ser organizadas por várias entidades distintas, pela Comissão Venatória, por grupos de caçadores ou até mesmo pelos aldeões.

No entanto estes métodos de caça não foram os únicos referenciados. O combate ao lobo em Portugal foi levado ao extremo, com as próprias autoridades a incentivar o uso de venenos, sendo que a Estricnina, também conhecida como “mata-lobos” era o veneno mais utilizado (Terras da Beira, Crónicas MedWolf, 2016, disponível em: <http://www.medwolf.eu/index.php/cronicas.html> a 20/12/2017):

- “Envenenamento periódico dos restos das rezes mortas pelas feras”;
- “Têm sido mortos, alguns lobos, devido a haverem comido carne que fora envenenada com arsénico e estricnina”;
- “O pastor correu a buscar estricnina e envenenou o animal morto”;
- “Ultimamente, os pastores, para darem caça ás feras, tem colocado no mato, pedaços de carne, envenenada”.

Também surgiram referências a animais mortos por laço, espancados e “Fojo”:

- “Foi apanhado no laço numa armadilha”;

- “Dos seus conhecimentos e reconhecida habilidade, entretém-se, ao começar das noites, a preparar laços ou armadilhas nos sítios ou entradas de tocas e buracos”;
- “Antigamente os agricultores cercavam os lobos e obrigavam-nos a descer um fosso, construído especialmente para matar as feras”;
- “Verificou que se encontravam numa toca, sete lobos, já crescidos, que acabou por matar à paulada”;
- “Uma certa pedrada que o fez cair inanimado, sem perda de tempo, acabou por matá-lo à paulada”.

Com o avolumar das notícias, foram surgindo várias descrições de prémios, isto é, referências a indivíduos que eram remunerados ou presenteados com bens materiais, efetuado pelas autoridades, nomeadamente pelas câmaras municipais e/ou recompensas casuais, as quais eram oferecidas pelos próprios aldeões ao caçador, por os ter “livrado das ações do animal”:

- “Em seguida foi levá-la aos Grémio de Lavoura, a fim de receber o prémio a que tinha direito.”;
- “Foram dadas ajudas ao “caçador” que livrou tanta gente da ação do bicho.”;
- “E o troféu rendeu-lhe umas boas centenas de escudos, oferecidos por vários lavradores.”;
- “Os pastores presentearam os portadores de tão bela caçada com algumas dezenas de quilos de queijo”;
- “As camaras municipais de Gouveia e Seia dão prémios a quem conseguir abater um lobo.”

Frequentemente a angariação, referida no parágrafo anterior, de bens ou dinheiro, era feita através da exibição do cadáver do lobo pelas aldeias, ou da sua pele. O animal às vezes também era embalsamado, e oferecido a pessoas influentes, como governadores civis.

- “Alguns homens esfolaram o lobo e, ufanos andaram a mostrar a pele aos curiosos”;

- “Esteve em exposição e segue para Lisboa a fim de ser embalsamado”;
- “A pele do animal, de grandes dimensões, foi presente á camara deste concelho (Mação)”;
- “Ofereceu um dos lobos mortos ao Sr. Governador Civil de Braga e o outro ao Sr. Engenheiro Augusto chefe dos serviços florestais”;
- As camaras municipais de Gouveia e Seia dão prémios a quem conseguir abater um lobo;
- “O Menor João de Deus, conseguiu entrar, num ninho de lobos, ali capturando, visto, cinco lobitos. O João veio apresentar-se, depois, na administração do concelho (Guarda), a fim de receber o respetivo prémio”.

Aquilino Ribeiro, em “Quando ao Gavião Cai a Pena” (1935) faz uma descrição dos peditórios realizados aquando a morte de um lobo:

“Além da caçada lhe dar ufanias, não queria perder o peditório que faria com ele, do qual havia de auferir mais proventos que a remendar sapatos ... o António das Arábias foi ter com a tia Janeta que lhe empestasse a asna para fazer com o lobo peditório pelas aldeias... de porta em porta, sem perder uma, foi o António das Arábias fazendo romaria.”

Outra recompensa era ser elevado a herói da comunidade, mais uma vez demonstrando a importância que a morte de um lobo tinha para a comunidade:

- “Detentor do feito mais temerário da caça realizado nos últimos tempos”;
- “Seguiu o seu caminho, sereno e imperturbável, como se não fosse coisa de monta a proeza que realizara”.

Sendo o lobo um animal carismático e símbolo de uma natureza selvagem, estas atitudes podem ser vistas como um desejo em possuir o predador, e com o significado de controlar e domesticar a natureza (Lopes-Fernandes et al., 2016). Também Kellert, (1996) afirmou que “As áreas naturais selvagens representam um obstáculo a subjugar, a tornar produtivo

ou simplesmente eliminar. A subjugação de lobos e lugares naturais surgiu como uma expressão de dever”.

Medo

O medo dos lobos é um sentimento espalhado ao longo da história Europeia (Linnell et al., 2001). Grande parte deste sentimento está associado ao simbolismo e misticismo que envolve o lobo (Boitani, 1995), mas não parece haver dúvida de que parte deste medo está focado no verdadeiro animal (Linnell et al., 2001).

A sensação de medo foi o sentimento mais frequentemente descrito, nas notícias analisadas neste estudo, Johansson & Karlsson (2011) sugerem que a principal razão pela qual as pessoas temem predadores é um medo de prejuízos e de sofrimento e o mesmo se verificou nas notícias aqui analisadas:

- “Como é natural, os lavradores e criadores de gado, andam alarmados”;
- “Os viajantes andam com receio de ser também atacados”;
- “Se a bicharada começa a vir por aí abaixo, as nossas crianças e idosos podem correr risco de vida”;
- “A população, entretanto, vem manifestando a sua preocupação pela presença de lobos esfaimados nas redondezas que ameaçam rebanhos e até as pessoas, sobretudo crianças”.

Johansson & Karlsson (2011) também sugerem que os grandes carnívoros são temidos devido ao seu tamanho. De facto, neste estudo foi verificado que as pessoas frequentemente relatavam os lobos como sendo corpulentos e enormes:

“Foi visto um lobo tão grande como um burro”

Em diversas ocasiões a raridade dos animais numa região torna o seu aparecimento anormal e agrava o sentimento anti lobo das populações e o medo, pois as pessoas recorrem à memória de antigos acontecimentos (Petrucci-Fonseca, 1990):

“Apareceu um corpulento lobo, a duas pessoas que se dirigiam a Alcobaça. Há mais de 50 anos que aquelas feras não eram vistas, pelo que os criadores, receiam grandes prejuízos”.

Ataques a pessoas

Apesar da fama que o lobo tem de ser um animal perigoso e perverso, não parece existir evidência suficiente que demonstre que os lobos sejam um perigo para os humanos (Álvares, 2011).

Vários são os fatores que podem estar na origem desta visão distorcida do animal, uma destas ligada à Europa Medieval, durante a qual as pessoas morriam de um vasto leque de doenças/epidemias e eram, posteriormente, enterradas em sepulturas não muito profundas, ou morriam em batalhas com os seus cadáveres abandonados no local.

O lobo como predador flexível, oportunista e necrófago (Mech & Boitani, 2003), alimentava-se destes cadáveres (Petrucci-Fonseca, 1990) e tal comportamento, contribuiu para a sua fama de criatura malvada e profana:

“Nos países por onde alastrou a guerra os lobos por terem comido os cadáveres tornaram-se mais atrevidos e tomaram o gosto à carne humana, não hesitando depois em atacar o homem, preferindo-o a qualquer outra presa.”

Também de acordo com Linnell et al., (2001) o sentimento negativo para com o animal teve origem em diversas situações, tais como:

- No passar das tradições orais;
- Falsear um ataque de lobo;
- Eufemismos e superstições
- Erros na identificação do animal;
- Doenças como a raiva;
- Ataques por parte de cães e híbridos.

Não nos esqueçamos que a raiva estava presente em toda a Europa e o lobo era um dos animais silvestres portador desta doença (Petrucci-Fonseca, 1990) e muitos dos ataques relatados a humanos eram por parte de animais portadores da raiva” (MacDonald, 1980). Neste sentido Linnell (2002) refere que a maioria dos ataques de lobos a pessoas é por parte de animais com raiva.

Em Portugal não há registos de ataques de lobos saudáveis a pessoas (Petrucci-Fonseca, 1990; Espírito-Santo, 2007; Álvares, 2011), no entanto a ideia de que o lobo é um animal perigoso para os humanos está presente nas notícias analisadas. No nosso País, a raiva encontra-se erradicada desde o início dos anos sessenta (Petrucci-Fonseca, 1990). “De acordo com Rui Oliveira, do Instituto de Bacteriologia Câmara Pestana, apenas existe um óbito referenciado como tendo a causa da morte o ataque de um lobo raivoso, no distrito de Bragança em 1927” (Petrucci-Fonseca, 1990):

O Século 1927

“Bragança- suspeitar-se que a loba estivesse atacada de raiva, pois a fera se limitava a morder. A cabeça da loba foi trazida para Lisboa a fim de ser observada no Instituto”;

1º de janeiro 1927

“Bragança- grande impressão de terror, por causa da aparição de um lobo que se supões atacado de hidrofobia... um lobo bastante corpulento... contava-se que o número de mordidos era já de dez”.

Os relatos das notícias em que humanos são supostamente “mortos e devorados” pelo lobo são bastante trágicas e quase sempre se assume que o indivíduo foi morto e posteriormente devorado por eles:

- “Noticiamos á dias, ter sido encontrado, junto á fronteira, por adultos da aldeia, um montão de ossos humanos, revestidos de algumas partes moles. Só o compri-

mento dos cabelos e certos objetos de vestuário, permitiram concluir corresponder o achado macabro ao corpo duma mulher que houvesse sido assaltada e devorada pelos lobos, como tudo faz supor”;

- “A cabeça, juntamente com alguma roupa e um sapato, encontrava-se em zona de matagal denso, normalmente povoada por lobos ... “é provável que tenha sido um destes animais que degolou a criança e comeu a parte do corpo que desapareceu”, sublinhou a fonte policial”.

Petrucci-Fonseca, (1990) fez a seguinte nota acerca desta situação: “quantos desses indivíduos, não terão na realidade sucumbido aos rigores do Inverno nas serras e montanhas e morrido de fome e frio?”.

Algumas notícias faziam referência ao desaparecimento de uma pessoa, no qual o lobo era automaticamente o autor e culpado do sucedido; no entanto, na edição seguinte do jornal, era noticiado o aparecimento da pessoa revelando que tinha apenas ficado perdido na serra. Mesmo nestes casos, a imagem negativa do lobo já tinha ficado marcada.

O Século

“Suspeita-se de que uma criança tenha sido devorada por um lobo, apascentava um rebanho com seu avô” ... ouviu os gritos aflitivos da criança, pois um corpulento lobo se preparava para atacar o rebanho. Correu em socorro da netinha e verificou que ela tinha desaparecido, deixando o capuz num tojal... não foi possível encontrara a desventurada criança que se presume ter sido devorada pelo lobo”;

O Século

“Apareceu a criança que se supos ter sido devorada pelos lobos” ... a pequena Maria Pimenta, apareceu sã e salva em casa dos pais... interrogada, contou que vira aproximar-se do rebanho um corpulento lobo, e, como tivesse medo, fugira. Na correria, a criança deixara cair, no caminho, o capuz que o avô encontrara, o que levou os habitantes a suporem que a fera a havia devorado”.

Nas obras de Aquilino Ribeiro, o lobo tem uma presença comum, original e de grande relevância (Queiroz, 2010), fazendo várias descrições rigorosas de diversos aspetos da relação homem/lobo, assim como o exagero das histórias a que este animal estava

associado (Petrucci-Fonseca, 1990). Na obra “O Homem da Nave- Serranos, Caçadores e Fauna Vária” o autor demonstra a forma como a imprensa narra uma suposta história de um ataque de lobo de forma exagerada e sem qualquer rigor:

““Um lobo corpulento- (mandaram dizer de Alvite para os jornais de Lisboa) - devorou uma pastorinha quando apascentava o rebanho nas corgas da Nave”.

“O lobo não devorou menina nenhuma- (retificava no dia seguinte o correspondente). - A menina à vista do lobo corpulento fugiu, largando a capucha”. Começa quase desta maneira a história do Chapelinho encarnado, de Grimm. O lobo é sempre o responsável pelo que faz e pelo que não faz. Por que é que o imbecil não engoliu a cachopa, pois seria bem mais interessante para o noticiarista, para a gazeta, e para os leitores da gazeta?! O lobo é um bicho detestado e sempre teve má imprensa.””.

Em algumas notícias o comportamento do animal era descrito de forma bastante fantasiosa, revelando mesmo nalguns casos ignorância: as pessoas podiam interpretar algumas reações do lobo como ataques, quando na realidade não o eram (Petrucci-Fonseca, 1990):

“Quase se lhes gelou o sangue nas veias ao deparar-se-lhes o quadro inesperado: avançando matreiramente em direção da criança, um lobo corpulento, de pelo eriçado e olhos fuzilantes de cobiça, de que a bocarra entreaberta era outra imagem expressiva”.

Conhecimento Ecológico Tradicional e Folclore

O conhecimento ecológico tradicional e o folclore são repositórios de grandes quantidades de informação sobre a natureza (Ceríaco, 2011), e para este autor a “Biologia Popular” pode ser reconhecida, como sendo o conhecimento popular e categorização de plantas, fungos e animais.

Ceríaco, (2011), define o Conhecimento Ecológico Tradicional como um acumular de conhecimentos, práticas e crenças, evoluindo através de processos adaptativos que são transmitidos de gerações em gerações por transmissão cultural, sobre a relação entre seres vivos e seu ambiente (Ceríaco, 2011).

Através das várias notícias analisadas foi possível identificar certos conhecimentos sobre a ecologia e biologia do lobo, como por exemplo a sua organização social em alcateias, ou os seus hábitos alimentares.

Os lobos eram referenciados como habitantes das zonas montanhosas e remotas, distantes das aldeias, aproximando-se, no entanto, em certas épocas do ano, das povoações:

- “Com o frio intenso que se tem feito sentir na região, a montanha estar coberta com uma espessa camada de neve, os lobos têm-se avistado com frequência”;
- “Os lobos voltaram a uivar. Sentem-se já perto dos povoados, e até mesmo dentro deles... caídos os primeiros nevões e geadas, falta o alimento nas serras e vales, e aqueles animais bravios deixam, então, os lugares silenciosos e improdutivos, perdendo o medo ao homem”;
- “Os fortes nevões que nos últimos dias têm assolado a região, obrigaram que os lobos famintos se acercassem da aldeia”;
- “As fortes geadas e o intenso frio têm obrigado os lobos a abandonar a serra e a aproximar-se das povoações”.

A utilização de recursos por parte de uma alcateia, varia ao longo do ano, quer devido á disponibilidade de recursos, ou por fatores intrínsecos a esta (Roque, Álvares & Petrucci-Fonseca, 2001).

Durante o inverno, altura em que os montes estão cobertos pela neve, o clima é mais agreste e o alimento disponível para o gado é mais escasso, permanecendo este confinado às áreas próximas da povoação ou até mesmo dentro destas. Isto levava o lobo a aparecer mais vezes nas imediações das aldeias.

Quando se registava um ataque de lobo (dentro das aldeias) fora da época invernal, a população mostrava-se surpresa e alarmada, pois era assumido que com exceção dos meses de inverno, estes animais ficavam confinados às zonas montanhosas:

- “Causou, na verdade admiração, por os lobos não terem sido acoitados pelo frio, visto ter estado um tempo primaveril”;
- “Costumavam aparecer com a neve e o frio agora não escolhem estações marcadas no calendário”;
- “Num ato considerado extremamente raro nesta época do ano... lobos no verão, aqui nos vales, é insólito, mesmo raro”.

O lobo, com as suas características de natureza esquiva e furtiva, astuto e preferencialmente noctívago (Brochura MEDWolf, 2016), alimentou certas crenças acerca do seu comportamento. Vários foram os excertos que faziam referência á admiração e medo que o aparecimento de um lobo durante o dia provocava, e também á surpresa e alarme quando o animal se “atrevia” a cruzar as “fronteiras” da aldeia.

- “São vistos frequentemente nos arredores das povoações pelos habitantes, passeando-se tranquilamente em diversas ocasiões em pleno dia, perante o olhar atónito dos aldeões”;
- “Lobos, atravessaram as ruas principais desta localidade”;
- “Já aparecem ás entradas das povoações em pleno dia”;
- “Aparecem mesmo em pleno dia... tornando-se por isso o assunto de todas as conversas”.

Apesar de estar patenteado um conhecimento de certas características ecológicas e biológicas do lobo, este conhecimento é limitado, podendo apresentar pormenores peculiares e misturados com imaginação.

O folclore é um fenómeno cultural bastante complexo, que afeta as vivências das pessoas, as suas relações com a natureza e até a própria natureza (Luís Ceríaco, 2011).

O lobo sempre alimentou superstições (Brochura MEDWolf, 2016), o ódio e o medo que ele provoca aos humanos, têm produzido ao longo dos séculos um grande número de lendas e superstições em que o animal é representado com poderes sobrenaturais (Álvares & Primavera, 2004; Álvares, 2011; Lopes-Fernandes et al., 2016).

Estes poderes dotavam ao lobo a capacidade em por de pé os cabelos das pessoas, ou de fazer uma pessoa ficar sem fala:

- “A mulher do agricultor sentiu subitamente gelar-se-lhe o sangue nas veias e eriçar-se a sua farta cabeleira, o marido, atónito, também pressentiu qualquer coisa de estranho. Parou igualmente sem poder pronunciar palavra”;
- “Tinha o sortilégio de pôr em pé o cabelo das pessoas”;
- “Chegou a casa e não consegue articular palavra. Apenas rosna e uiva como os lobos”;

- “Os lobos fugiram... foi retirado com auxílio de uma corda e sem fala. Ainda hoje só conseguia explicar-se por mímica”;
- “O cordeirinho que o lobo roubara, o qual tem bem vincados no lombo os sinais da afiada dentuça da fera... alguns supersticiosos atribuem o facto do lobo não ter comido o cordeiro ao “responso” que a esposa do Sr. Bento diariamente, faz ao gado, antes de sair para a serra”.

Tal pode ser explicado pelo facto de este ser um animal muito temido pelo Homem, que num encontro de perto deixaria as pessoas em choque (Álvares, 2011).

Numa das obras de Aquilino Ribeiro “Quando os lobos uivam” (1983), o autor faz referência a esta crença de o lobo fazer com que uma pessoa perca a capacidade de falar:

“Eu nem aos lobos posso berrar, que se me abre o peito! Há tempos andava numa propriedade que tenho a um lugar chamado a Cheleira do Negro, veio uma alcateia e levou-me uma borrega mesmo diante dos olhos. Pois com a folha cheia de gente ninguém me ouviu berras à coa!, tão sumida era a minha voz”.

Além dos mitos mais antigos, existem mitos modernos (Álvares 1999), tal como o boato de que se anda a libertar lobos nas serras. No entanto em Portugal, tais libertações nunca aconteceram (Espírito-Santo, 2007).

Nas notícias analisadas para este estudo, tais mitos modernos começaram a surgir na década de 80 do século XX.

“A população está indignada, atribuindo este prejuízo aos serviços responsáveis pelo repovoamento cinegético, que ali largaram as feras há cerca de 15 dias”.

Este mito também pode ter várias origens:

- Na identificação incorreta de lobos e cães vadios/assilvestrados (Álvares, 2011), devido às dimensões e peso serem idênticas às de um cão Pastor Alemão, a sua distinção pode por vezes ser difícil, sobretudo tendo em conta que a morfologia do lobo sofre alterações ao longo da vida e do ano, em termos de cor e densidade da pelagem (Brochura MEDWolf, 2016);

- Uma falta de conhecimento por parte das pessoas no que toca às dinâmicas populacionais ou aos procedimentos de conservação (Álvares, 2011);
- Devido à reaparição natural de lobos em áreas de onde haviam desaparecido (Brochura MEDWolf, 2016).

Discursos

As notícias sobre lobos sempre despertaram interesse sendo, muitas vezes, capa de jornal ou cabeçalho de notícias intitulados de “AS FERAS”, cujo os conteúdos apresentam frequentemente implicações negativas para a imagem deste predador.

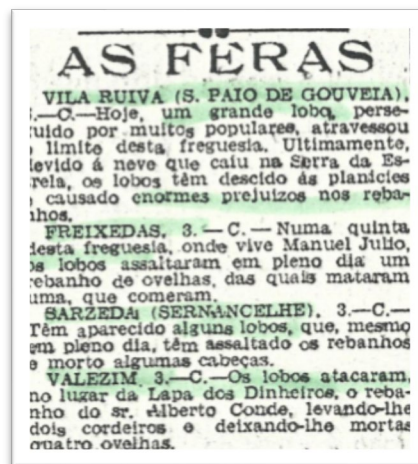


Figura 2. Título de uma coluna de notícias do Jornal “O Século” de 1937.

A repetição de termos depreciativos para com o seu carácter como “fera”; “perigoso”; “prejudicial”; temível remete a um atrito, onde o lobo aparece como aquela personagem alheia ao ideal da civilização, ao qual a “fera” não pertence pois é causadora de estragos e preocupações.

A linguagem utilizada nas notícias dos jornais analisados para esta pesquisa, refletem uma narrativa altamente crítica, prejudicial e estereotipada, apresentando uma tendência para criminalizar as ações do lobo:

- “Devoradores canídeos de culturas e rebanhos das povoações”;
- “Os bichos continuarão a proliferar e a tratar criminosamente da vida”;

- “Já há bastante tempo que os rebanhos são assediados pelos lobos”;
- “O lobo é o animal mais feroz que existe... não tendo a sua nobreza nem afabilidade. O seu olhar é de fogo, indício de ferocidade, a sua maneira de andar descontrolada e sorrateira apresentam-no como um covarde, que é de facto”;
- “Quem abater uma fera destas, merece o reconhecimento e sentirá a satisfação de ter liquidado um assassino”.

As notícias muitas vezes associavam este animal às dificuldades da vida rural e aquando um ataque de lobo ao gado, estes eram bastantes descritivos e parciais, podendo provocar o sentimento público de que o predador é uma animal mal-intencionado:

- “Deixando os pobres homens (pessoas rurais) na miséria”;
- “Tais prejuízos que tanto afetam a economia do lavrador”;
- “A quem compete, pedimos em nome daquele bom povo, que é digno de melhor sorte, a sua proteção”;
- “A economia de muitos agregados familiares poderá ser seriamente afetada pela super infestação de lobos”.
- “Um burrinho, quando muito tranquilamente, pastava, foi atacado por um ou mais lobos, que devoraram o pobre animal”;
- “Beberam o sangue a três pobres ovelhas”;
- “O pobre vitelo estava a ser devorado por uma das feras, embora ainda vivo!”;
- “Desde esse dia cruel foi visto por várias vezes um lobo perto do local de combate”.

A temática lobo, era tão importante que a morte de um animal por atropelamento chegava a ser notícia:

- “Uma camioneta ao passar na estrada, matou um lobo que ficou encadeado com a luz dos faróis”;
- “O lobo da nossa história, que nós, por hipótese fizemos pensar assim, morreu ontem, estupidamente, sob as rodas da camioneta”;

- “Na estrada nacional, uma camioneta matou a noite finda um lobo que se atravessara na estrada e fora encandeado pela intensidade dos faróis”.

À medida em que as notícias analisadas se iam acumulando, foi observado que os jornalistas da época, ao relatarem o acontecimento, evocavam fortemente a sua opinião.

- “A oportunidade da notícia publicada acerca da necessidade de se efetuar uma batida aos lobos, nos montados a fim de por termo à devastação que aquelas feras estão a causar ... permitimo-nos julgar que não deveria sacrificar-se o essencial ao secundário. Quem de direito, não poderá deixar ao abandono aqueles que, cheios de dificuldades, vivem quase exclusivamente da criação de gados da serra”;
- “Seria conveniente e muito justo que se gratificassem as pessoas que fazem montarias aos lobos, pois prestam grande serviço e isso seria um incentivo para prosseguirem na sua louvável tarefa.”;
- “Aliás, as entidades competentes têm sido chamadas à atenção, através da Imprensa, mais do que uma vez, para os ajudar a combater as feras”;
- “Em pleno dia, foi dizimada pelos lobos uma cabra. Esta região encontra-se infestada por aquelas temíveis feras, pelo que é importante a necessidade de serem autorizadas umas batidas aos lobos”;
- “A ideia do lobo enchia mais do que o cérebro e o espírito ... o próprio estomago, o próprio ser”.

Positivo e Informativo

Apesar de o número de notícias positivas registadas neste estudo ser baixo, o aparecimento de uma visão mais positiva, de que o lobo deve ser protegido, é mais recorrente das notícias dos finais do século XX e inícios do século XXI, começando-se também a fazer uma maior referência a estudos e programas de conservação do lobo.

Nesta altura, os jornais começam a empregar palavras que referiam o lobo numa luz positiva tais como “inteligente”; “belo”; “emblemático”; “amigável”; “nobre”.

As notícias provenientes de jornais de tiragem nacional começam a incluir conteúdo mais informativo, promovendo estudos técnico científicos a decorrer no País sobre o lobo e a dar a conhecer a biologia deste animal:

- “O número de lobos tem vindo a decrescer de ano para ano, e é atualmente tão baixo que coloca a espécie às portas da extinção. Em Portugal, em tempos recuados, o lobo ocorria praticamente em todo o território. Atualmente existe apenas em algumas serras do Norte e Centro, muito localizado e em pequenas quantidades. A organização destas 18 batidas pode ser o grande passo para a extinção do lobo na região, e o argumento de que o lobo é perigoso para o homem e para o gado está provado que, no primeiro caso, é falso e, no segundo tem sido fortemente exagerado.

Segundo um estudo publicado em 1971 da autoria de Eric Flower, foram vistos 510 lobos e abatidos pelos lobos 879 cabeças de gado e feridas 312, o que dá uma média de apenas 35 cabeças de gado por ano. No mesmo período, não se verificou nenhum caso, em Portugal, de um ser humano ser morto por um lobo. Trata-se de preservar uma espécie profundamente ameaçada de extinção, trata-se no fundo, de defender o futuro da própria espécie humana.”;

- “O lobo que o cidadão comum conhece é o lobo das lendas. O verdadeiro lobo é apenas conhecido por um número restrito de pessoas. Ultrapassar esta situação é um passo fundamental para a conservação daquele predador. O lobo é, de todas as espécies selvagens existentes em Portugal, a mais perfeita e evoluída, possuindo uma função determinante no equilíbrio”.

Grande parte das notícias publicadas em 2010, analisadas neste estudo, focaram o seu tópico no “Prémio de Biodiversidade BES” ganho pelo Grupo Lobo:

- “O projeto conservação do lobo ibérico, venceu o prémio BES Biodiversidade 2010. O projeto pretende investigar e implementar métodos de prevenção de prejuízos causados pelo lobo no gado, de forma a diminuir os conflitos dos criadores de gado com este predador, contribuindo para a conservação da espécie”.

Apesar de durante o tempo do estudo, a maioria das notícias apresentarem um carácter muito negativo, nem todo o público apresentava a mesma visão. Alguns viam o lobo como uma figura indispensável à natureza, e como um símbolo do imaginário e condenavam o desaparecimento deste animal.

Um exemplo é a obra de Maria Angelina e Raul Brandão, Portugal Pequenino (publicada pela primeira vez em 1929), na qual apresenta uma visão ecológica, elogiando os espaços naturais e os animais, mesmo as espécies tradicionalmente menos acarinhadas pela sociedade, como por exemplo, os lobos:

“É a última família que resta no Marão. A floresta matou os lobos que eram uma das expressões mais extraordinárias da Serra e os seus filhos dilectos. Envenenou-os por serem muitos e julgar inúteis. Ora o lobo é uma figura indispensável à serra. A serra e a vida. O Marão, sem eles, parece mais despovoado e à vida de imaginação falta qualquer coisa que apouca o homem em lugar de o engrandecer”.

Ou Aquilino Ribeiro, em O Homem da Nave (edição de 1968):

"Não me desgostava nada de ver convertidos os nossos bosques em paraíso terreal dos lobos".

O simbolismo do lobo, que em tempos foi largamente responsável pela sua regressão, tornou-o, num símbolo da conservação da natureza como é o exemplo da história entre Sr. Gilberto e um lobo, que foi motivo de notícia:

Jornal de Notícias

“Transmontano, sempre viveu a natureza com naturalidade: “é como o ar que respirámos Quando por lá cheguei vi o lobo, deitado no chão, com o pescoço preso na armadilha, que era um laço de correr... o lobo é esperto e sabe que, se puxar, morre... quando olhou para mim, tive logo pena dele... para evitar que me matasse o lobo fui buscar umas mantas abrigos e decidi dormir ao pé do lobo... e por lá estive dois dias, até que na segunda feira apareceram os técnicos do parque” ... Gilberto, esse, recorda Julião com saudade e conta e reconta a sua história para dar um bom exemplo aos que dizem que os lobos são «malignos», e que «se deve dar-lhes cabo até ao fim»”

Nuvem de Palavras

Neste estudo foi utilizada a ferramenta do programa MAXQDA12 “Word Cloud”, que permite visualizar quais as palavras mais frequentemente utilizadas na totalidade dos documentos analisados. O tamanho da letra é ditado pelo número de vezes que a palavra é encontrada nos documentos. O resultado desta análise é apresentado numa “nuvem de palavras” que sintetizam as frequências das palavras mais utilizadas:



Figura 3. Nuvem de palavras obtida através do programa MAXQDA.

Esta Nuvem de palavras permitiu então, realizar um texto, que descreve de forma resumida e generalizada a forma como os jornais retratavam o lobo:

O lobo era visto como um animal corpulento, feroz e esfaimado que infestava o país, deixando as populações alarmadas com a sua audácia em entrar nas imediações das populações.

Uma fera que provocava medo e pânico no homem, representando um perigo para a sua segurança. Um carnívoro que dizimava os animais domésticos, causando prejuízos avultados numa sociedade com poucos recursos económicos.

Por isso o lobo devia ser perseguido, em caçadas e batidas para devolver tranquilidade às povoações.

Considerações finais

Baseado na análise qualitativa da imprensa escrita de Portugal Continental, desde 1900-2010, foi observado que no geral as notícias para com os lobos apresentam um discurso de orientação negativa.

É aparente que grande parte da discussão envolvendo o lobo tem haver com o seu impacto nos humanos e nas suas atividades, e a crença de que estes devem ser caçados de maneira a reduzir esses “efeitos negativos”.

As afirmações sobre os efeitos negativos dos lobos nos humanos geralmente estavam centradas nas noções de que os lobos matam e/ou ferem animais domésticos, e que representam um sério perigo à integridade física das pessoas.

Artigos frequentemente incluíam descrições negativas como “fera”, e descrições ameaçadores chamando os lobos de “perigosos” e “prejudicial”.

A categorização geral dos excertos referentes aos lobos exprime um conhecimento sobre sua distribuição e biologia, mas também um conhecimento limitado. Várias notícias faziam relatos a mitos, reafirmando a faceta imanigária e simbólica do animal, o que demonstra que o folclore pode desempenhar um papel importante nas relações humanas com os lobos.

Embora seja possível que uma mudança na forma de como os lobos são retratados na imprensa, não leve directamente à coexistência, os media tem um papel a desempenhar na moderação da imagem que as pessoas associam a este carnívoro.

A coexistência entre pessoas e lobos não será fácil, ainda para mais num país como Portugal, onde no presente, a área de distribuição do lobo ibérico, coincide com áreas economicamente menos favoráveis (Álvares, 2011). No entanto Linnell et al. (2001) afirma que populações de carnívoros podem ser conservadas, mesmo em áreas com grandes densidades humanas, desde que a opinião seja favorável.

Um dos fatores mais importantes para a conservação deste predador é a opinião pública (Boitani, 1995), portanto, é essencial uma abordagem interdisciplinar, de forma a proteger um animal com uma herança cultural tão forte.

Uma visão mais ampla das representações sociais deste predador pode contribuir para uma melhor compreensão das relações Homem-lobo (Lynn, 2010), e também pode ser usada como uma ferramenta útil para a conservação deste animal em Portugal, auxiliando

a lidar com o sentimento e a opinião generalizada, melhorando os esforços de comunicação entre as comunidades científica, jornalística e popular, monitorizando as alterações das atitudes para com as populações lupinas.

Visto que os media possuem um papel chave na construção de opiniões, a informação difundida por estes, deve empregar linguagem menos tendenciosa e negativa, pois a perpetuação de noções negativas do animal só pode levar a uma intensificação do receio e antipatia da população e conseqüentemente a maior perseguição. Como tal, a opinião do público terá de ser gerida com base em informação honesta e racional em todos os aspetos que envolvem a conservação do lobo (Boitani & Cucci, 2009).

Segundo Petrucci-Fonseca (com. pes. 2017) “já se tentou fazer ações de formação junto dos jornalistas sobre o lobo e não só, também sobre questões ambientais no geral, mas estes nunca se mostraram recetivos a estas iniciativas”.

Além de a história sobre o lobo ter um valor próprio, há uma necessidade em incluir e contextualizar perspectivas históricas na discussão da conservação do lobo em Portugal, pois a elaboração de um bom seguimento histórico pode alcançar o cerne das transformações ecológicas e culturais (Kellert, 1985).

É importante que os profissionais de biologia da conservação se envolvam propositada e frequentemente com os media, de forma que os últimos estejam a par da informação sobre o lobo e os seus programas de conservação (Boitani, 2000). Quando integrados com dados biológicos e ecológicos, os dados das ciências sociais podem ajudar a gerar uma perspectiva mais abrangente e informativa.

Limitações do estudo

Para este estudo, apenas um tipo de formato dos media foi utilizado. O conteúdo e tom das outras formas de media, como televisão, radio e internet podem diferir dos jornais.

A principal limitação deste estudo é a sua confiança nos jornais como fonte indicadora de opiniões/atitudes públicas. Esta análise é uma aproximação à perspectiva que a sociedade tem de um tópico, tal como o lobo, num determinado ponto no tempo.

Apesar da análise do conteúdo presente nos media ter demonstrado descobertas paralelas a inquéritos e pesquisas de opinião pública (Fan, 1997), esta ainda é uma análise indirecta das atitudes e opiniões do público (Houston, 2010).

Além disso, a análise não fornece as informações necessárias para tirar conclusões sobre como as atitudes se relacionam com os indivíduos, não levando em consideração a exposição/experiência com lobos.

No entanto esta análise permite, tirar conclusões de forma confiante sobre as tendências nas atitudes, expressões e opiniões ao longo do tempo nas diferentes regiões de Portugal. Embora, esteja confiante de que o tempo escolhido seja um indicador das tendências ao longo de diferentes gerações, existe uma lacuna de informação entre o ano 1990-2000 e 2000-2010, o que pode ser limitar o aparecimento de visões positivas, visto estas serem mais comuns ao século XXI, dando um peso maior às negativas.

É possível que neste estudo os jornais de distribuição nacional possam estar sobrerrepresentados.

A concentração de unidades de amostragem num número selecionado de jornais pode inflacionar a influência de “gatekeepers” individuais (por exemplo, editores e jornalistas), particularmente porque a cobertura da imprensa em jornais locais frequentemente depende de fontes de serviços de notícias maiores (Gold & Simmons, 1965; Einsiedel, 1992). Além disso, os editores de jornais locais geralmente alteram e acrescentam as reportagens (Vermeer, 2002; Hedrick, 2006) e demonstram mais independência quando cobrem as preocupações locais (Callaghan & Schnell, 2001; Jerit, 2006). Assim, mesmo quando notícias provenientes de jornais regionais podem ter sido derivados dos mesmos incidentes ou situações, é provável que a duplicação de conteúdo e fontes tenha sido mínima (Kaid & Wadsworth 1989).

Referências

Álvares, F., (1999). *Andam a soltar lobos?! Boletim informativo do Grupo Lobo*, 14 (1), 1-3.

Álvares, F., Primavera, P., (2004). *The Wolf in Rural Communities' Culture in the North of Portugal*. Wolf Print, 20.

Álvares, F., Domingues, J., Sierra, P. and Primavera, P. (2011). *Cultural dimension of wolves in the Iberian Peninsula: Implications of ethnozoology in conservation biology*. Innovation: The European Journal of Social Sciences 24(3):313-331.

Angelina, M., and Brandão, R. (1929). *Portugal Pequeno*. Lisboa: Veja.

Bangs, E.E. and Fritts, S.H. (1996) *Reintroducing the Gray Wolf to Central Idaho and Yellowstone National Park*. Wildlife Society Bulletin, 24(3), 402-413.

Bath, A.J., T. Buchanan. (1989). *Attitudes of interest groups in Wyoming toward wolf restoration in Yellowstone National Park*. Wildlife Society Bulletin. 17: 519-525.

Bath, A.J. (1989). *The public and wolf reintroduction in Yellowstone National Park*. Society and Natural Resources Journal. 2:297-306.

Bath, A.J. (1991). *Public attitudes in Wyoming, Montana and Idaho toward wolf restoration in Yellowstone National Park*. Trans. North Am. And Nat. Resour. Conf. 56: 91-95.

Bath, A.J. (1998). *The role of human dimensions in wildlife resource research in wildlife management*. Ursus. 10: 349-355.

Bath, A. J., & Majić, A. (2001). *Human dimensions in wolf management in Croatia: Understanding attitudes and beliefs of residents in Gorski Kotar, Lika and Dalmatia*

toward wolves and wolf management. LCIE—Large Carnivore Initiative for Europe. <http://www.lcie.org> (<http://www.lcie.org>).

Bengston, David N.; Fan, David P. (1999). *Roads on the U.S. national forests: an analysis of public attitudes, beliefs, and values expressed in the news media*. *Environment and Behavior*. 31 (4): 514- 539.

Bengston, D. N., Fan, D. P. & Celarier, D. N. (1999). *A new approach to monitoring the social environment for natural resource management and policy: The case of US national forest benefits and values*. *Journal of Environmental Management*, 56, 181-193.

Bengston, D. N., Potts, R. S., Fan, D. P., & Goetz, E. G. (2005). *An analysis of the public discourse about urban sprawl in the United States: Monitoring concern about a major threat to forests*. *Forest Policy and Economics* 7, 745– 756.

Bhatia, Saloni & Athreya, Vidya & Grenyer, Richard & Macdonald, David. (2013). *Understanding the Role of Representations of Human-Leopard Conflict in Mumbai through Media-Content Analysis*. *Conservation biology: the journal of the Society for Conservation Biology*, Volume 00, No. 0, 1-7.

Blanco, J. C., S. Reig, and L. Cuesta. (1992). Distribution, status and conservation problems of the wolf *Canis lupus* in Spain. *Biological Conservation* 1992, 60, 73-80.

Boitani, L. and Zimen, E. May 1975 (1979). “*The role of public opinion in wolf management*”. In *The behaviour and ecology of wolves*, Edited by: Klinghammer, E. May 1975, 471–477. Wilmington, NC: Garland STMP Press. *Proceed. Wolf Symp.*

Boitani, L. (1995). *Ecological and cultural diversities in the evolution of wolf-human relationships*. In *Ecology and conservation of wolves in a changing world*: 3-12. Carbyn, L. N., Fritts, S. H., and Seip, D. R.(Eds.). Edmonton: Canadian Circumpolar Institute.

Boitani, L. (2000). *Action plan for conservation of the wolves (Canis lupus) in Europe*. Nature and Environment, 113 Council of Europe Publishing.

Boitani, L. and Ciucci, P. (2009). *Wolf Management across Europe: Species Conservation without Boundaries*. In *A New Era for Wolves and People: Wolf Recovery, Human Attitudes, and Policy*: 15-39. Musiani, M., Boitani, L., and Paquet, P (Eds.): University of Calgary Press.

Braun, V. and Clarke, V. (2006). *Using thematic analysis in psychology*. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2). pp. 77-101.

Chapron G et al. (2014). *Recovery of large carnivores in Europe's modern human-dominated landscapes*. *Science* 346, 1517–1519. ([doi:10.1126/science.1257553](https://doi.org/10.1126/science.1257553)).

Callaghan, K., and F. Schnell. (2001). *Assessing the democratic debate: how the news media frame elite policy discourse*. *Political Communication* 18:183–213.

Ceríaco et al., (2011): *Folklore and traditional ecological knowledge of geckos in Southern Portugal: implications for conservation and science*. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 2011 7:26.

Dajani, K. F. (2013) *Wolf Wars: Online Information About Wolves in the Northern Rocky Mountains*, *Applied Environmental Education & Communication*, 12:1, 46-54.

Drury, R., Homewood, K. and Randall, S. (2010). *Less is more: the potential of qualitative approaches in conservation research*. *Animal Conservation*. Print ISSN 1367-9430.

Einsiedel, E. F. (1992). *Framing science and technology in the Canadian press*. *Public Understanding of Science* 1:89–101.

Ericsson, G., & Heberlein, T. A. (2003). *Attitudes of hunters, locals, and the general public in Sweden now that the wolves are back*. *Biological Conservation*, 111, 149-159.

Espirito-Santo, C. (2007) *Human dimensions in Iberian Wolf management in Portugal: Attitudes and beliefs of interest groups and the public toward a fragmented wolf population*. MSc thesis, Memorial University of Newfoundland, Canada.

Espirito-Santo, C and Petrucci-Fonseca, F. (2004). *Human Dimensions in Iberian Wolf Management in Portugal*. Wolf Print, 20.

Fan, D. E (1997). *Computer content analysis of press coverage and prediction of public opinion for the 1995 sovereign referendum in Quebec*. *Social Science Computer Review*, 15(4), 351-366.

Fritts S, Stephenson R, Hayes R, Boitani L (2003) *Wolves and humans*. In: Mech D, Boitani L (eds) *Wolves: behavior, ecology, and conservation*. University of Chicago Press, Chicago, IL.

Guillaume Chapron et al., (2014). *Recovery of large carnivores in Europe's modern human-dominated landscapes*. *Science* 346, 1517 (2014); DOI: 10.1126/science.1257553.

Gold, D., and J. Simmons. (1965). *News selection patterns among Iowa dailies*. *Public Opinion Quarterly* 29:425–430.

Gore, M. & Siemer, W & Shanahan, James & Scheufele, Dietram & J. Decker, Daniel. (2005). *Effects on risk perception of media coverage of a black bear-related fatality*. *Wildlife Society Bulletin*. 33. 507-516.

Gore, M and Knuth, B. A. (2009). *Mass Media Effect on the Operating Environment of a Wildlife-Related Risk-Communication Campaign*. *Journal of Wildlife Management* 73(8): 1407-1413.

Hedrick, J. B. (2006). *A content analysis of editorial regionalism in the 1960s: midsize newspaper coverage of New York Times v. Sullivan (1960–1964)*. PhD dissertation. Bowling Green State University, Bowling Green, Ohio.

Houston, M. J. (2009) *A quantitative content analysis of attitude expressions toward wolves in the United States and Canadian print news media, 1999-2008*- Presented in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree Master of Science in the Graduate School of The Ohio State University.

Jackson, P., and K. Nowell. (1996). *Problems and possible solutions in management of felid predators*. *Journal of Wildlife Research* 1:304-314.

Jacobson, Susan & Langin, Cynthia & Stuart Carlton, J & Lee Kaid, Lynda. (2012). *Content Analysis of Newspaper Coverage of the Florida Panther*. *Conservation biology: The journal of the Society for Conservation Biology*. 26. 171-9. 10.1111/j.1523-1739.2011.01750.

Johansson M. & Karlsson J. (2011). *Subjective Experience of Fear and the Cognitive Interpretation of Large Carnivores*, *Human Dimensions of Wildlife: An International Journal*, 16:1, 15-29

Jerit, J. (2006). Reform, rescue, or run out of money? Problem definition in the Social Security reform debate. *Harvard International Journal of Press/Politics* 11:9–28.

Kaczensky, P. (1999). *Large carnivore depredation on livestock in Europe*. *Ursus* 11:59-72.

Kaid, L. L., and A. J. Wadsworth. (1989). *Content analysis*. Pages 197–215 in P. Emmert and L. L. Baker, editors. *Measurement of communication behavior*. Longman, White Plains, New York.

Karanth, K. U., and M. D. Madhusudan. (2002). *Mitigating human-wildlife conflicts in Southern Asia*. Pages 250-264 in J. Terborgh, C. P. Van Schaik, M. Rao, and L. C. Davenport, editors. *Making parks work: identifying key factors to implementing parks in the tropics*. Island Press, Covelo, California.

Kellert, Stephen R. & Westervelt, Miriam O. (1982). *Trends in animal use and perception in 20th century America*. Washington, DC, Government Printing Office, 024-010-00-621-8.

Kellert, S. R. (1985). *Public Perceptions of Predators, Particularly the Wolf and Coyote*. *Biological Conservation* 31, 167-189.

Kellert, S. R., Black, M., Rush, C. R., & Bath, A. J. (1996). *Human culture and large carnivore conservation in North America*. *Conservation Biology*, 10, 977-990.

Kepplinger, H., & Roth, H. (1979). *Creating a crisis: German mass media and oil supply in 1973-74*. *Public Opinion Quarterly*. 43. 285-296.

Large Carnivore Initiative for Europe. (2007). *Canis lupus*. *The IUCN Red List of Threatened Species* 2007: e. T3746A10048689. Downloaded on 01 May 2017.

Linnell, J. D. C, Swenson, J. E. and Andersen, R. (2001) *Predators and people: conservation of large carnivores is possible at high human densities if management policy is favourable*. *Animal Conservation*, 4, 345–349.

Linnell, J. D. C, Andersen, R., Andersone, Z., Balciauskas, L., Blanco, J. C., Boitani, L., Brainerd, S., Breitenmoser, U., Kojola, I., Liberg, O., Løe, J., Okarma, H., Pedersen, H. C., Promberger, C., Sand, H., Solberg, E. J., Valdmann, H. & Wabakken, P. (2002). *The fear of wolves: A review of wolf attacks on humans*. – NINA Oppdragsmelding: 731:1-65.

Lynn, W.S. (2010). *Discourse and wolves: science, society, and ethics*. *Society & Animals* 18:75-92.

Lopes-Fernandes, Margarida, Soares, Filipa, Frazão-Moreira, Amélia & Ana Isabel Queiroz (2016). *Living with the Beast: Wolves and Humans through Portuguese Literature*, *Anthrozoös*, 29:1, 5-20.

Lopez, B. (1978). *Man and Wolves*. New York: Charles Scribner's Sons.

MacDonald, D.W. (1980). *Rabies and Wildlife. A biologist's perspective*. Oxford University Press, England, 151 pp.

Manfredo, M. J., Teel, T. L. & Bright, A. D. (2003). *Why are public values toward wildlife changing?* *Human Dimensions of Wildlife*, 8, 287-306.

McCombs, M. E. (2002). *The Agenda-Setting Role of the Mass Media in the Shaping of Public Opinion*. Paper presented at Mass Media Economics 2002 conference, London School <http://sticerd.lse.ac.uk/dps/extra/McCombs.pdf>.

McCombs M., and Shaw D. (1972). *The agenda-setting function of mass media*. *Public Opinion Quarterly*, 36, 176-187.

Miller M., M. (1997). *Frame Mapping and Analysis of News Coverage of Contentious Issues*. *Social Science Computer Review*. Vol 15 No 4, Winter 1997 367-378.

Mech, L. D. (1995). *The challenge and opportunity of recovering wolf populations*. *Conserv. Biol.* 9: 270–278.

Mech L. D. Boitani L. (eds.). 2003. *Wolves: Behavior, Ecology, and Conservation*. The University of Chicago Press, Chicago, Illinois, and London, United Kingdom, 448 pp. ISBN ISBN 0-226-51696-2.

Müller, A. M., *O jornal como fonte de pesquisa histórica e antropológica: entre o monologismo e a polifonia* (2015). Imprensa da Universidade de Coimbra. DOI: http://dx.doi.org/10.14195/0870-4112_3-1_11.

Muter, Bret & Gore, Meredith & Gledhill, Katie & Lamont, Christopher & Huveneers, Charlie. (2012). *Australian and U.S. News Media Portrayal of Sharks and Their Conservation*. *Conservation biology : the journal of the Society for Conservation Biology*, Volume 27, No. 1, 187-196.

Petrucci-Fonseca, F. 1990. *O lobo (Canis lupus signatus Cabrera, 1907) em Portugal. Problemática da sua conservação*. PhD thesis, Lisboa, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Portugal.

Pinto, B. and Partidário, M. (2011). *The history of the establishment and management philosophies of the Portuguese protected areas: Combining written records and oral history*. *Environmental Management* 49(4): 788-801.

Queiroz AI (coord.), Alves PC, Barroso I, Beja P, Fernandes M, Freitas L, Mathias ML, Mira A, Palmeirim JM, Prieto R, Rainho A, Rodrigues L, Santos-Reis M, Sequeira M (2005). *Canis lupus Lobo Pp- in Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal* (Cabral MJ et al. (eds.)). Instituto da Conservação da Natureza. Lisboa.

Queiroz, Ana Isabel. *Histórias do lobo nas obras de Aquilino*. *aquilino* 2 (2010): 223-236.

Reese, S. D., & Ballinger, J. (2001). *The roots of a sociology of news: Remembering Mr. Gates and social control in the newsroom*. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 78(4), 641–658.

Ribeiro, A. (1935). *Quando ao Gavião Cai a Pena*. Lisboa: Bertrand Editora.

Ribeiro, A. (1968) . *O Homem da Nave*. Lisboa: Bertrand Editora.

Ribeiro, A. (1983). *Quando os Lobos Uivam*. Lisboa: Bertrand Editora.

Ribeiro S., García E. & Santos R. 2016. *O lobo no leste da Beira Interior – Resultados do Projecto Med-Wolf*. *Seminário Conservação do Lobo a Sul do Rio do Douro* - Montis. Viseu, 3 de Junho.

Roque, S.; F. Álvares & F. Petrucci-Fonseca (2001). *Utilización espacio-temporal y hábitos alimentarios de un grupo reproductor de lobos en el Noroeste de Portugal*. *Galemys*, 13: 179-198.

Salwen, M. B. (1988). *Effect of accumulation of coverage on issue salience in agenda setting*. *Journalism Quarterly*, 65, 100-106.

Shelley M. A and Quinn, Michael S. (2012) "*Portrayal of Interactions Between Humans and Coyotes (Canis latrans): Content Analysis of Canadian Print Media (1998-2010)*," *Cities and the Environment (CATE)*: Vol. 4: Iss. 1, Article 9. Available at: <http://digitalcommons.lmu.edu/cate/vol4/iss1/9>.

Terras da Beira, Crónicas MedWolf. (2016), disponível em: <http://www.medwolf.eu/index.php/cronicas.html>.

White, D. M. (1950). *The gatekeeper: A case study in the selection of news*. *Journalism Quarterly*, 27, 383–390.

Vermeer, J. P. (2002). *The view from the states: national politics in local newspaper editorials*. Rowman and Littlefield, Lanham, Maryland.

